

20-03-2020

Ciências Sociais, interdisciplinaridade, ondas de Nazaré

Angelo Bernardo M. Offen

[Cientista Social e das Humanidades - Algarve / Portugal]

Direitos Humanos é um tema das Ciências Sociais. Fascistas acham que direitos humanos é um caso de polícia.

Em Portugal, ainda que os portugueses colonizadores não fossem difundidores de direitos humanos por plagas d'África, d'Ásia e d'América rezavam por acolás suas missas, inaugurando a contradição do convívio entre a fé cristã e a opressão. Já séculos depois, portugueses fascistas e apoiadores de tal iam à missa de domingo pedir por um Salazar eterno. Não prosperou. Ainda que não, pois bem. Salazar passou, como passarão todos os opressores, embora a opressão continue prosperando, além das fronteiras lusitanas. A opressão e seus signatários, mandatários e seguidores ainda creem que o alevante dos oprimidos é um caso de polícia. Sempre nisto, por certo, haverão de crer. Mas, então, 'pá, o que devemos de fazer diante dessas permanências sórdidas?

... Surfar nas ondas gigantes de Nazaré ...

Para falar a verdade, nunca tive a coragem de me aventurar naquelas gigantescas montanhas d'água.

Mas posso vos garantir que elas seguem a inspirar-me em minhas posições no ensino das ciências sociais.

Algumas ideias que de lá me advêm são *humildade, desafio, superação, estratégia, interdisciplinaridade* e outras...

Minha formação dividida entre as Ciências Sociais e Humanidades em Lisboa e as praias de Portugal não foi uma divisão entre estudo e lazer. Antes porque estudo, para quem assim o sente, é lazer. Mas, principalmente porque surfar nas praias de Portugal, para mim sempre foi um campus avançado de aprimoramento dos meus estudos e pesquisas de Ciências Sociais e Humanidades.

Cabedelo, Arrifana, Amado, Peniche, Carcavelos lá estavam a desafiar meus nervos e minhas ondas cerebrais com suas ondas mareares e seus significados. Aulas magnas de ciências sociais estive a desfrutar nas ondas do surfe.

Lá estávamos, surfistas de várias tribos, a mirar o mar esperando a pepita preciosa da onda definitiva. Eu, embora pertencente à tribo de surfistas amadores, como estudante de humanidades mirava o mar e mirava ao lado.

Lá estavam meus sujeitos de estudos: gentes. Vendedores, pescadores, trabalhadores em folga, turistas, fãs do surfe, trabalhadores do surfe e os miúdos de todas as idades com seus folguedos agarrando-se às pernas de seus pais implorando por sorvetes. Vai que lá, vez ou outra, estacava minha prancha na areia e me punha a bater uma prosa com aquelas gentes simples que circulavam entre nós.

Tal era, algumas vezes, a riqueza das ondas verbais dos gajos e gajas que esquecia-me eu das ondas marítimas.

Mas, em Nazaré tudo é diferente. Para não ficar preso a Nazaré como inspiração exclusiva às ciências sociais, diga-se que uma única onda gigante lá por aquelas paragens tem energia suficiente para carregar 30 milhões de smartphones. Portugal não tem petróleo mas tem Nazaré. Bem, pá, meu assunto hoje não é energia fóssil, é energia limpa - humana -. Mesmo em lá não indo a caçar essas maravilhas da natureza portuguesa, várias vezes lá estive a apreciá-la como campo de estágio voluntário da universidade. Estava lá a estudar trabalho e produção nas suas interfaces com as disciplinas envolvidas no fazer com o outro. A rigor, a origem camponesa familiar cativou-me na ideia da interdisciplinaridade como necessidade de um trabalho comunicativo e cooperativo por excelência.

Intrigavam-me as teorias fordistas e tayloristas de isolamento obrigatório das pessoas obreiras no fazimento de objetos comuns a todos. Desde as primeiras fábricas, e até hoje com o pós fordismo das produções seriadas reestruturadas pela nova ordem, o silêncio operarial a mim sempre me apresentou assustador. Um mundo em silêncio com pessoas lado a lado fazendo as mesmas coisas com um mesmo objetivo é um mundo mudo. Periga emudecer as almas. Uma equipa de surfistas para navegar as grandes ondas é uma complexa rede de solidariedade com voz altiva e tonitruante - ruidosa como um trovão - para enfrentar o barulho das ondas. Tonitruante mas suave para garantir a delicadeza concedida aos navegadores para enfrentarem o medo. Estão lá na equipa: o navegador do *jet ski* para rebocar o surfista da hora até a plataforma de lançamento. Navegador e surfista, ambos, dominam os dois ofícios com maestria interdisciplinar. Para a atividade da hora, seja navegar ou surfar, estão lá preparados. Estão lá, ainda, o *shaper* (gajo que fez a prancha), o técnico, o pessoal das comunicações (fotógrafo, jornalista, relações públicas), pessoal da infra (equipamentos, alimentação, roupas etc...). Mas, o que mais me encanta é que todos da equipa e, inclusive, os admiradores dominam o processo de trabalho. A esmagadora maioria surfa. Inclusive aqui o cidadão que vos fala. Sabemos das dificuldades. Mas porque em Nazaré é diferente, por exemplo, de outras atividades esportivas, em que a integração da equipa parece ser similar?

Creio que, com um exemplo, explico o que considero como diferencial. Ao mirar uma pirâmide pode-se até imaginar como foi feita, mas em Nazaré, os que lá estão, admirando ou trabalhando, conhecem o ofício de surfar no gigante marítimo e, para isso, desenvolvem o que um complexo trabalho interdisciplinar exige: *humildade, afeto, desafio, superação, estratégia, camaradagem* e, principalmente, *a quebra do silêncio* que o capitalismo impõe para tornar o mundo do trabalho cada vez mais mudo. ■ ■ ■

OBS. Se ainda não viu veja algum vídeo das ondas gigantes de Nazaré

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.